



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 30 de novembro de 2019



Dentu Sol | 2019 | Yuran Henrique (cortesia do artista)



RACISMOS À PORTUGUESA

Fátima da Cruz Rodrigues

A presença de Lilian Thuram em Portugal nos dias 26, 27 e 28 de novembro, não pode ser mais oportuna. Depois de uma reconhecida carreira como jogador de futebol, Lilian Thuram abraçou um outro projeto de sucesso, dedicando-se à educação contra o racismo a partir da [Fundação](#), que preside e que parte do pressuposto que “ninguém nasce racista, torna-se racista”. Convidado pelo projeto MEMOIRS (1), Lilian Thuram participou em diversos encontros com o objetivo de interrogar desigualdades geradas por mecanismos de dominação na sociedade europeia, e formas de combater o racismo pela educação. Além das duas conferências, no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra e na Fundação Calouste Gulbenkian, Lilian Thuram encontrou-se com estudantes do ensino secundário, no contexto da iniciativa *CES vai à Escola* em Coimbra e, em Lisboa, no quadro de uma colaboração com a Embaixada de França.

Estes encontros acontecem precisamente num momento em que o debate sobre o racismo está na ordem do dia em Portugal, desde que, no passado dia 6 de outubro, Joacine Katar Moreira foi eleita deputada para a Assembleia da República. Desde esse dia, Joacine Moreira tem sido alvo de diversos tipos de insultos, entre os quais muitos deles inquestionavelmente racistas e xenófobos. Li alguns desses textos insultuosos que me chegaram, sobretudo, pelo Facebook e, embora indignada, não fiquei muito surpreendida porque, na minha opinião, o que a Joacine representa no Portugal contemporâneo perturba, pelo menos, a ideia do Portugal dos Brandos Costumes herdada do Portugal colonial.

Joacine Moreira (do Partido Livre) é de origem Africana, tal como a Beatriz Dias (do Bloco de Esquerda) e a Romualda Fernandes (do Partido Socialista), também elas eleitas deputadas nas mesmas eleições. Os insultos racistas e xenófobos que têm circulado têm sido dirigidos à primeira, e o que parece tê-los espoletado foi a exibição de uma bandeira da Guiné-Bissau quando se comemorava a sua eleição. A partir daí, e à medida que a Joacine foi intervindo publicamente enquanto expunha os objetivos do seu mandato e respondia às provocações que lhe foram sendo dirigidas por múltiplas vias e diversos interlocutores, os insultos multiplicaram-se, a par de outras vozes que começaram a organizar-se para manifestar a sua solidariedade com a deputada.

Não me parece que a Joacine incomode alguns portugueses “só” por ser afrodescendente, nem “só” por ser negra e por ocupar um lugar de destaque na sociedade portuguesa. Isto porque Portugal já tem uma certa “tradição” na promoção de africanos e afrodescendentes se não antes, pelo menos desde o Estado Novo utilizando-os, inclusive, para representarem Portugal a nível nacional e internacional. Por exemplo, no mundo do futebol, de onde vem Lilian Thuram, Eusébio da Silva Ferreira, é considerado, ainda hoje, um dos melhores jogadores da seleção portuguesa onde ele, tal como o Matateu e o Coluna (também estes de origem Moçambicana), jogaram em representação de Portugal por terem nascido naquela que era, na época, uma “província ultramarina portuguesa”.

No universo da música, também na época da presença colonial portuguesa em África, Portugal foi representado internacionalmente por intérpretes de origem africana. Entre eles, o Eduardo Nascimento que, em 1967, representou Portugal no festival Eurovisão da canção. O título da canção que interpretou, “O Vento Mudou”, remete inevitavelmente para a expressão “os ventos de mudança” decorrente do famoso discurso proferido no parlamento sul-africano, por Harold Macmillan, primeiro-ministro do Reino Unido. Em fevereiro de 1960, Macmillan disse: “O vento da mudança está a soprar pelo continente fora e, quer isso nos agrade ou não, o amadurecimento da consciência nacional é um facto político. Devemos aceitá-lo como tal e as nossas políticas devem dar conta disso mesmo” (2). Embora a canção interpretada por Eduardo Nascimento não fosse uma balada de protesto, contando antes o “drama do homem abandonado” (3), o que não pode ser ignorado é que este homem, nascido em Angola, foi o primeiro homem negro a participar nesse concurso (4), numa época em que Portugal estava envolvido há quatro anos numa guerra contra os movimentos de libertação em Angola que se alastrara já a Moçambique e à Guiné-Bissau, contra “os ventos de mudança”.

Também na guerra, os africanos foram figuras de destaque particularmente quanto à imagem que se queria difundir de Portugal no mundo. Desde o início da guerra, os africanos foram objeto de atenção na propaganda nacional e internacional sobre os conflitos. Os combatentes africanos das Forças Armadas Portuguesas ocuparam um lugar de destaque nesse tipo de propaganda. Por exemplo, as descrições divulgadas na imprensa da visita a Luanda de Adriano Moreira, ministro de Ultramar entre 13 de Abril de 1961 e Dezembro de 1962, revelam essa preocupação. Na legenda da foto, publicada na primeira página do *Diário de Notícias* do dia 16 de Maio de 1961, que retrata essa visita e onde estão Adriano Moreira e um africano, pode ler-se: “o Ministro do Ultramar conversando com um oficial preto que perdeu um braço em defesa da Pátria” (5).

Em relação a essa guerra, são muitos os exemplos que permitem ilustrar a maneira como a propaganda colonial apresentou o africano como um cidadão português exemplar, nomeadamente na sua exibição em momentos significativos de exaltação e reforço da ideologia imperial e integracionista do regime. Lembrarei apenas as cerimónias oficiais do dia 10 de Junho de 1969, quando o 2º Sargento Marcelino da Mata, originário da Guiné, veio receber a Lisboa a mais alta condecoração do Exército português: a Torre e Espada. Esta cerimónia é descrita, dois dias depois, com a manchete “Manhã dos Heróis” que intitula a notícia onde pode ler-se “o Presidente de todos os portugueses entrega o galardão maior a um soldado africano pelos seus feitos na Província da Guiné”; e ainda “Soldados de Portugal. Corre em vosso sangue o sopro heroico dos bravos portugueses que cimentaram a independência ao longo dos séculos” (6). Curiosamente, o 2º sargento Marcelino da Mata chegou a Tenente-Coronel e é hoje o homem mais condecorado da história do exército português.

Poderia dar muitos outros exemplos de homens, e também de mulheres, portugueses de origem africana, que nos mundos do desporto, do espetáculo e mesmo das artes e da política se têm destacado no Portugal colonial e pós-colonial sem serem alvo de qualquer tipo de ataque, pelo menos de forma explícita. A Joacine não representa um desses casos. A Joacine entrou num mundo mais complexo, a partir do qual não se limita a representar Portugal. Ela entrou no mundo da política determinada em denunciar alguns dos problemas que Portugal tem tentado, desde há muito, camuflar ou disfarçar sob outras roupagens. A Joacine interpela um discurso *colourblind*, pós-racial, igualitário e meritocrático que parece imperar entre aqueles que a têm atacado. Um discurso que recusa a centralidade da questão racial a partir da qual se reproduzem padrões de inclusão e de exclusão e sugere que as desigualdades raciais fazem parte do passado (7).

A Joacine não representa os africanos que têm servido para sustentar e promover o imaginário do Portugal dos Brandos Costumes e, por isso, não me parece que ela incomode alguns portugueses “só” por ser uma mulher afrodescendente, ou “só” por ser uma mulher negra e por ocupar um lugar de destaque na sociedade portuguesa. Ela incomoda por ser tudo isso e por fazer parte de uma geração de afrodescendentes que se recusa a ser, parafraseando Homi Bhabha, “[...] quase o mesmo mas não tanto [...]. Quase o mesmo mas não branco [...].” (8). Isto é, uma geração de afrodescendentes portugueses e europeus que reivindica e luta pelos seus direitos e que, deste modo, se distancia daquela imagem do africano explorado, assimilado, inaudível, alienado e conformado com a sua subalternidade. É isto que parece estar a incomodar alguns portugueses. Por estas razões, a visita de Lilian Thuram não poderia ser mais oportuna porque permite refletir, entre outras questões, sobre este assunto em particular, mas também sobre outras manifestações que o racismo possa estar a assumir em Portugal num contexto internacional que se tem mostrado favorável ao recrudescimento de discriminações raciais e xenóforas.

-
- (1) Com o apoio da embaixada de França em Portugal.
- (2) Citado por Oliveira, Pedro Aires (2011). Harold Macmillan, os «ventos de mudança» e a crise colonial portuguesa (1960-1961). *Relações Internacionais (R:I)*, (30), 21-38.p.26.
- (3) Pais, José Machado (2016). *Enredos Sexuais, Tradição e Mudança. As Mães, os Zecas e as Sedutoras de Além-Mar*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p.15.
- (4) Inclusive “segundo alguns rumores da época, terá sido Salazar a escolher o cantor português para representar Portugal na Eurovisão para provar que não era racista”. Lago, Duarte. (2018). [Portugal na Eurovisão! O português Eduardo Nascimento foi o primeiro negro a atuar no concurso, em 1967](#).
- (5) Rodrigues, Fátima da Cruz (2016). O Modo Luso- Tropical de Fazer Ver a Guerra. *Revista Brasileira de História da Mídia*, vol.5, n.1, jan/2016- junho/2016, 85-94. p.89.
- (6) *Diário de Notícias*, 12 de Junho de 1969. pp 1, 17.
- (7) Sobre este tipo de discurso, nomeadamente no que diz respeito ao racismo no futebol, consultar Almeida, Pedro (2012). Futebol, racismo e eurocentrismo. Os média portugueses na cobertura do Campeonato Mundial de Futebol na África do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (98), 103-124.
- (8) Bhabha, Homi (2005). *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila *et al*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
-

Fátima da Cruz Rodrigues é investigadora do Projecto *MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, n.º 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.